

Dono de mercado lamenta ilusões

Na manhã de segunda-feira, dia 14, em menos de uma hora o centro de Barrinha ficou cheio de folhetos anunciando produtos de uma rede de supermercados de Sertãozinho. Nem só crianças catavam os folhetos.

As mulheres protagonistas do lar, corriam comparar os preços com os mercados locais. Alguns produtos dispensam comparação são mesmo mais baratos.

Para quem voltava a trabalhar com a barriga meia vazia depois de uma semana em greve, ler o preço de um pacote de tangerina Fiorela era, no mínimo, como estar sonhando.

A penetração de supermercados, lojas comerciais e por aí afora em Barrinha não é novidade. Mas os proprietários de mercados locais têm algo pra dizer.

Queira ou não, eles estão em desvantagem; enquanto o comércio que vem de fora abocanha a atenção dos moradores, menos chances de crescer tem o comércio local e, a chamada colonização.

Mário Namba, 46 anos, proprietário do Supermercado Namba, estabelecido em Barrinha desde 1948, têm razões para não estar, aparentemente, preocupado com a penetração do comércio da região. Uma das razões, aponta, é que seu mercado não vende fiado, jamais.

Por isso, se tiver de concorrer com quem vende a prazo, prefere perder fregueses. É taxativo "atendo muito bem meus fregueses".

SÓ NO FOLHETO

Barrinha sempre sofreu "penetração", comenta Mario, meio sem vontade de falar à reportagem nos primeiros minutos. Depois desencavou "essas mercadorias anunciadas no folheto são baratas, mesmo, só no papel".

E desafia: "preço por preço, se comparar os do meu mercado com os grandes da região, não vendo nada mais caro".

Mas os três mercados da entidade não demonstram mágoas.

Nada terão contra os penetradores, além da esperança de num curto espaço de tempo, os barrinhenses perceberem onde estão as vantagens.

A conversa com o comerciante Mário descambou para outros lados.

As feiras livres realizadas aos domingos, por exemplo. Ele não se conforma como tem gente comprando os produtos ali vendidos, "uma vez que são de terceira categoria e com preço igual de primeira".

"Além do que — opina o nissei — os produtos vendidos neste varejão sequer tem procedência". Suas críticas, no entanto, ele assegura que não é porque se trata de concorrência. Namba diz que também adquiri produtos do varejão (feira-livre e varejão são a mesma coisa), mas uma dúvida o persegue: "cadê os homens do Ceagesp pra fiscalizar a comercialização e qualidade dos produtos?"